




Lobo em pele de cordeiro: circulação e identificação dos membros da Zwi Migdal no periodismo do Rio de Janeiro (1930-1938)


Wellington do Rosário de Oliveira

hwellingtok@gmail.com

Doutorando em História pela UFPR (Universidade Federal do Paraná),
Mestre em História pela UFPR (Universidade Federal do Paraná).

Possui graduação em História pela UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) - Campus Paranaguá. Desenvolve pesquisas nas áreas de história do crime, imprensa, violência e gênero.

 <https://orcid.org/0000-0002-7646-4587>

 10.28998/rchv14n27.2023.0013

Recebido em 31/01/2023

Aprovado em 26/04/2023



Lobo em pele de cordeiro: circulação e identificação dos membros da Zwi Migdal no periodismo do Rio de Janeiro (1930-1938)

RESUMO

O presente estudo visa trabalhar com um corpus documental pouco explorado nos estudos históricos, que são documentos emanados do periodismo carioca, dos anos de 1930 a 1938, no que cerce a circulação e identificação policial de membros da organização criminosa internacional, Zwi Migdal, no Rio de Janeiro. Nos últimos anos, vem sendo desenvolvidos importantes estudos a respeito do tema, mas com certa predileção para outras cidades sul-americanas, com poucas exceções sobre o Brasil. Dessa forma, baseando-se em estudos pioneiros e intercalado com trabalhos recentes, espera-se contribuir para com os estudos históricos com fontes pouco revisitadas e que nos revelam, por exemplo, outras narrativas sobre os personagens estudados.

PALAVRAS-CHAVES: jornais; Rio de Janeiro; Zwi Migdal

Wolf in sheep's clothing: circulation and identification of Zwi Migdal members in Rio de Janeiro's journalism (1930-1938)

ABSTRACT

The present paper aims to work with a documental corpus shortly explored in historical studies, which are documents emanating from Rio de Janeiro journalism, from the years 1930 to 1938, regarding the circulation and police identification of members of the international criminal organization, Zwi Migdal, in Rio de Janeiro. In recent years, important studies have been carried out on the subject, but with a certain predilection for other South American cities, with few exceptions in Brazil. In this way, based on pioneering studies and interspersed with recent works, it is expected to contribute to historical studies with sources little revisited and those that reveal, for example, others narratives about the characters studied.

KEY-WORDS: newspapers; Rio de Janeiro; Zwi Migdal

Na antiga fábula do lobo e do cordeiro muita injustiça fora cometida. Os cordeiros são sempre vistos em rebanho, com mil iguais a eles, não se distinguindo em quase nada, e ainda, são belos e calmos, como todo animal manso. Nesta história, entretanto, o lobo visa, com o seu traje simulado, parecer manso como os lanígeros, mas tudo não passa de um truque para enganar e devorar o incauto rebanho. A moral da história é que, depois de adquirida a confiança dos demais, o lobo escolhe as suas presas e, no momento oportuno, despe a pele de cordeiro para assumir a sua verdadeira identidade: a de caçador. Julgou-se necessário explicar o uso dessa metáfora, porque uma das documentações utilizadas neste estudo faz o uso das expressões “lobo em pele de cordeiro” e “lobo contra lobo”, para exemplificar o *modus-operandi* de rufiões que se passavam por “*gentlemans*”¹ com o intuito de enganar mulheres, entregá-las à prostituição ou simplesmente enganar as autoridades com ocupações aparentemente lícitas.

Seja como for não é sobre essa história que versaremos neste estudo. A grande questão reside na circulação e identificação de membros da organização criminosa, *Zwi Migdal*², no Rio de Janeiro, entre os anos de 1930 e 1938, a partir de documentos emanados do periodismo local. *A priori*, denominada como “*Sociedad de Socorros Mutuos Varsóvia*”, segundo a historiografia, essa organização atuou durante anos às sombras da sociedade de Buenos Aires sob a fachada de uma agência funerária israelita, a fim de contabilizar nela recursos ilícitos extraídos com base na exploração do lenocínio³ e do tráfico de mulheres⁴. Para isso, julgou-se necessário dois objetivos. O primeiro passo é analisar um conjunto de documentos sobre a presença desses criminosos no Rio de Janeiro, após os eventos judiciais que eclodiram no começo de 1930 em Buenos Aires, e que resultaram na desintegração desses sujeitos para diferentes regiões da América do Sul. Em seguida, discutimos alguns conflitos e tensões causados por Mauricio Steinberg e Adolfo Fish, ambos ex-membros da organização que viveram no Rio de Janeiro no período estudado, e que foram descobertos graças às diligências do delegado Frota Aguiar.

¹ O mesmo que “cavaleiros”.

² Segundo a historiadora Beatriz Kushnir, a *Zwi Migdal* começou como uma associação, sendo posteriormente caracterizada como uma organização criminosa pela imprensa, autoridades da época e, conseqüentemente, por estudiosos das últimas décadas.

³ Exploração de outrem para fins de prostituição.

⁴ É preciso esclarecer que, nas premissas da historiadora Beatriz Kushnir, o termo “tráfico de escravas brancas” remete a uma narrativa antissemita, forjada até os anos de 1930.

Devemos lembrar que, durante muito tempo, bandidos e contraventores não tiveram espaço na história, porque sempre representavam o lado “avesso” da modernidade. Como resultado, o silêncio dos historiadores sobre criminalidade decorre de uma questão de objeto e método, ou de interpretar fontes que antes eram descartadas por serem “marginalizadas”. Desde estudos remotos, como o de Edwin Sutherland (1949), ao cunhar o conceito de “*White Collar Crime*”⁵, sem dúvidas, uma das maiores contribuições para a criminologia, indo na contramão do socialismo científico que entendia o crime como produto das desigualdades econômicas, apresentando um novo conceito para definir os poderosos que infringiam as leis, homens de *status* social elevado e até mesmo aqueles cometidos por empresas de grande porte. A partir da década da década de 1990 o tema violência tornou-se assunto no meio acadêmico, “problemática obrigatória” em todas as áreas na expressão de Bourdieu (1990). Desde então diversos autores propuseram-se a estudar homens e mulheres que, de alguma maneira, infringiram as leis ou que simplesmente se debatiam por um espaço em meio as grandes transformações urbanas do século XIX.

No Brasil diversos autores, pautando-se em diferentes procedimentos de pesquisas e enfoques, tem se preocupado em pesquisar a questão da criminalidade e dos impressos como subsídios para pensar a violência e o estabelecimento da ordem na sociedade brasileira. Além disso parte desses estudos se deu graças ao movimento dos *Annales*, de investigar as diversas formas de ser, viver e se relacionar a partir de um conjunto documental mais abrangente, como processos criminais, documentação policial e uso de impressos como fonte histórica.

Sidney Chalhoub (1986) debateu questões relacionadas as classes populares na pós-reforma urbana do Rio de Janeiro, bem como o funcionamento da imprensa conforme as estratégias de controle social dos agentes policiais e judiciários, que agiam de forma repressiva e moralizante com o intuito de impor padrões comportamentais das classes populares, sinônimo, na época, de “classes perigosas”. Nessa mesma vertente, os historiadores Boris Fausto (1984) e Marcos Bretas (1997) mostraram que o tratamento do crime na imprensa, mais ou menos como é hoje, variava conforme o público ao qual se dirigia determinado jornal.

⁵ “Crime do colarinho branco”.

Almejando construir alicerces teóricos e metodológicos para o desenvolvimento do presente estudo, visamos elaborar um conjunto de procedimentos teórico-metodológico para a análise do *corpus documental* e o cruzamento das problemáticas sugeridas. Outrossim, como parte do processo da operação historiográfica, o historiador Michel de Certeau (1982) afirma que “a transformação da arquivística é o ponto de partida de uma nova história”, chamando a atenção para o fato de que a falta de instituições bem aparelhadas se tornou um grande inimigo na recuperação e acesso à documentação, não permitindo, dessa forma, uma revisão mais detalhada de certos temas ainda não tratados ou revisitados pela historiografia. Assim, percebe-se que, no conjunto dos apontamentos, a chamada “Nova História”, como é conhecida a terceira geração dos *Annales*, possibilitou o uso de novos procedimentos metodológicos com base em fontes antes ignoradas pela ciência formal dos séculos anteriores, segundo Giddens (1991) como: processos-crime, a literatura, a documentação policial e/ou prisional e o uso de jornais. Desse modo o ritmo dessas mudanças e da modernização das instituições arquivísticas nos possibilitou o uso de novas fontes, documentações capazes de suscitar inquietações e permitir o avanço historiográfico.

Um segundo encaminhamento teórico-metodológico é se valer da análise do discurso para ir mais fundo na proposta, pois o objeto trata do lugar de fala da imprensa mancomunada com os interesses da polícia. No caso de Foucault (1996) tais apontamentos alicerçaram algumas de suas indagações como temas que formam a própria base de seu eclético pensamento, que se alastram sobre territórios da história, sexualidade, antropologia e poder, bem como analisar as formas do discurso e da verdade. Para o autor, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Agrega ainda que há três sentidos que classificam, delimitam e controlam a ordem do discurso, sendo a disciplina um dos princípios desse controle, que estão conformadas num jogo de poder e de especialização, tendo em vista que “ela fixa os limites de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1996, p. 36). Nesse sentido a intenção se dirige para a forma como o discurso jornalístico enquanto um instrumento privilegiado na formação e informação do imaginário social, discursa e releva seus posicionamentos contra uma parcela da sociedade, ainda que nas “entrelinhas”. Segundo o autor:

Suponho que em toda sociedade a produção discursiva é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Além disso, sobre a análise do discurso, deve-se mencionar que as práticas sociais estão inseridas dentro de uma ordem discursiva. Na visão de Chartier (2010, p.48) “toda prática, seja qual for, se situa na ordem do discurso”. O autor reconhece que as representações como discursos não possuem neutralidade e que esses discursos muitas vezes revelam interesses, ainda que nas “entrelinhas” dos discursos que carregam. Segundo o autor metodologias não privam o historiador de adotar também um novo tipo de abordagem, sendo “necessário recordar que, se as práticas antigas não são acessíveis senão, na maioria das vezes, através dos textos que se propunham a representá-las ou organizá-las, prescrevê-las ou proscrevê-las” (CHARTIER, 2010, p. 48). Dessa forma compreende-se que as narrativas presentes na documentação não eram, portanto, neutras e apresentavam objetivos, escolhas ou ideologias em consonância com os interesses do Estado e da elite. Neste cenário a tipologia dos impressos, quando analisados enquanto fontes históricas, segundo Luca (2008) não são transmissores imparciais de eventos, mas sim carregam uma posição ideológica dentro da realidade política e social em que estão inseridos.

Privilegiou-se, nas categorias de análise, os seguintes jornais como fonte e objeto: *A Gazeta*, *A Batalha*; *A Noite*; *Diário Nacional*, *Diário da Noite*; *Diário de Notícias*; *Diário da tarde*; *Jornal do Brasil*; *Jornal do Commercio* e *Luta Democrática*. Os documentos encontram-se disponíveis para consulta no site da Biblioteca Nacional, pela plataforma da Hemeroteca.

Zwi Migdal

Segundo a historiografia consultada acredita-se que numa gelada manhã de inverno tipicamente austral de maio de 1906 um grupo de homens de origem polonesa se reuniu num subúrbio industrial de Avellaneda, em Buenos Aires, para fundar a “Sociedade Judaica de Ajuda Mútua”, sob a aparência de uma associação sem fins lucrativos, com estatuto legal e que foi rebatizada anos mais tarde por *Zwi Migdal*, quando

na realidade se tratava de uma organização secreta que também era usada para fins de exploração de mulheres. Conforme o historiador italiano Furio Biagini (2004) o fundador da organização foi Noé Trauman, um militante anarquista controverso e com diversas passagens pela polícia. Curiosamente Noé e seus sócios discordavam do título atribuído a eles de “exploradores”, porque para eles as prostitutas eram bem tratadas e recebiam casa, comida e roupas. Segundo Scarsi (2017) existem duas hipóteses em relação ao nome dado à organização; a primeira delas não tão bem aceita, aponta que o termo “*Migdal*” se trata de uma referência à “Luís Migdal”, rufião conhecido na época, mas que nunca foram comprovadas tais ligações dele com o Conselho de Administração da associação. A segunda hipótese e mais aceitável é que, em ídiche, dialeto usado pela comunidade judaica, *Zwi Migdal* significa “Grande Força”, usado como uma “referência nostálgica à capital polonesa e em um idioma que só outro judeu poderia entender”, Scarsi (2017, p. 381, tradução nossa)⁶. Sobre essa questão o autor ressalta:

A verdade é que, desde 1906, ano em que o governo da província de Buenos Aires concedeu personalidade jurídica à Varsóvia, Luis Migdal não figura como presidente nem como membro de nenhuma das comissões diretoras. Assim, tudo nos leva à suposição lógica de que a sociedade vinha operando muito antes de sua inscrição oficial (SCARSI, 2017, p. 161, tradução nossa)⁷.

Diversos autores, pautando-se em diferentes enfoques e procedimentos de pesquisa, preocupam-se em estudar problemas que acompanham a história da prostituição e da sexualidade na Argentina, pelo menos desde o século XIX. O estudo de Donna Guy (1994), por exemplo, sobre a prostituição em Buenos Aires, foi um divisor de águas desde que foi publicado em meados da década de 1990. Apoiando-se nas concepções de Joan Scott (1990), a autora procurou delinear sobre alguns dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento do fenômeno social e cultural da prostituição a partir dos conceitos de trabalho, família, classe e cidadania, sobretudo a partir da controversa regulamentação da prostituição de 1874, que surge em meio a um contexto de epidemias venéreas, ondas

⁶ “Nostalgiosa referencia a la capital polaca y en un idioma que solo otro judío podía comprender”.

⁷ “Lo cierto es que: desde 1906, año en que el gobierno de la provincia de Buenos Aires le otorga la personería jurídica a la Varsovia, Luis Migdal no figura como presidente, ni como integrante de ninguna de las comisiones directivas. Es así, como todo nos lleva a la lógica suposición de pensar que la sociedad venía actuando desde mucho antes de su inscripción oficial”.

migratórias, antissemitismo e desigualdades sociais de gênero. De acordo com a autora, desde pelo menos 1889, tem-se conhecimento da existência de redes de traficantes judeus no Rio da Prata, mas foi durante a década de 1920, nos anos das “vacas gordas”, em que a Argentina foi rebatizada “a capital mundial da prostituição”, segundo a definição do jornalista francês Albert Londres (1927), é que a Varsóvia, posteriormente *Zwi Migdal*, e somada à sua variante, *Asquenasum*, se consolidou. Logo, a partir de estudos como o de Guy (1994) e Trochon (2007), compreende-se uma intrínseca relação simbiótica entre dois sistemas de poder dominantes na época, o capitalismo e o patriarcado, o que contribuiu, por exemplo, para o desenvolvimento do crime organizado internacional para fins de lenocínio.

Em pouco tempo, a *Zwi Migdal* conseguiu monopolizar boa parte da zona do meretrício de Buenos Aires e nos distritos próximos, nos quais mulheres trabalhavam em condições análogas à escravidão, sendo boa parte delas oriundas do continente europeu com o intuito de “fazer a América”, de forma espontânea ou atraídas por falsas promessas de recompensas condicionadas de acordo com Schettini (2005). O termo “escravas brancas”, refere-se às mulheres que “se dedicavam à prostituição em outros continentes terminava restringindo-as à condição de vítimas passivas e indefesas, o que predisponha a que qualquer mobilidade ou outra ação delas fosse sempre interpretada em termos de coerção” (SCHETTINI, 2005, p. 29-30). O uso do vocabulário “escravidão”, segundo a autora, alimentado por narrativas sensacionalistas e romanescas em relação às mulheres enquanto “vítimas” e “submissas”, serviu para “atrair e justificar o engajamento de feministas na luta contra a regulamentação da prostituição” (SCHETTINI, 2005, 144). Menciona ainda, que um dos problemas de maior significação para as feministas consistia na libertação do jugo social que colocava as mulheres em posição de inferioridade, tal como o panorama de sujeição feminina no comércio que se denomina “escravidão branca”. Com a mesma finalidade Aguirre (2006) disserta que os discursos constroem a imagem da prostituta e reforçam estereótipos, lendas, mitos e expressões literárias que muitas vezes revela a mentalidade coletiva de uma determinada sociedade. Ao mesmo tempo em que a imprensa procurava meios de protestar sobre os “flagelos sociais”, contribuía para difundir diferentes discursos, entre os quais sobre a prostituição e a “escravidão branca”.

Contribuição importante para o estudo do fenômeno do tráfico de mulheres na Argentina está sendo proporcionada pelo historiador Yarfitz (2012). O autor comenta que

a denúncia de Liberman não foi a única, mas talvez um dos fatores mais relevantes para o processo de julgamento contra a *Migdal*, que visava desbaratar de uma vez por todas a dita “Associação”. Mas como tem demonstrado a historiografia a polícia interessada no caso precisava lidar com um *modus operandi* quase irrefragável, de tal modo que, mesmo após periódicos escândalos, as prisões se efetuaram com certa lentidão permitindo que muitos acusados fugissem para países vizinhos. Para o autor, no livro de memórias de Alsogaray, ficou explícito as acusações de que a corrupção havia se infiltrado no organismo policial durante a administração do governo Yrigoyen (salvo raras exceções), a ponto de haver um contingente de policiais que se confraternizavam com a organização e até mesmo usufruíam dos lucros do torpe comércio. Segundo Simonetto (2020) a impunidade configura um episódio importante no caso da *Zwi Migdal*, citando o exemplo de que menos de um terço dos 420 suspeitos de integrar a organização foram processados, mas inocentados meses depois por “falta de provas”. Outro episódio importante nessa história é que, devido ao escândalo, acreditou-se que os envolvidos seriam expulsos da Argentina, o que não aconteceu de forma tênue, pois uma boa parte deles haviam se separado estrategicamente em diferentes regiões da América do Sul nas semanas seguintes, como veremos a seguir.

Lobos do além-mar

Os motivos que levaram ao declínio da organização são diversos, desde divergências internas entre seus membros, segundo Kushnir (1996), à pressão das autoridades internacionais, diplomáticas e consulares, conforme Schettini (2012) e a desarticulação dos membros para países vizinhos, de acordo com Scarsi (2017). Outrossim, durante meses centenas de policiais se ocuparam do assunto, incluindo importantes organizações policiais internacionais que uniram forças para combater o “tráfico de brancas”. Conforme a bibliografia analisada boa parte dessa elite criminosa fugiu para grandes centros de irradiação do lenocínio, como Rosário, Montevideú, Rio de Janeiro e São Paulo, como apurou Aguirre (2006). Outra preocupação que reforçava o protocolo de identificação portuária, deve-se ao fato de que muitos rufiões se apresentavam na qualidade de viajantes, comerciantes e vendedores, verdadeiros “lobos em pele de cordeiro” infiltrados em meio às camadas populares. Segundo a tese de Galeano (2012) muitas vezes esses criminosos eram tidos como incorrigíveis, profissionais que as autoridades começaram a perseguir, com intercâmbio entre as cidades

sul-americanas e assinalados como um delinquente “científico”, “*gentleman*” e “vaidoso”, principalmente entre Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Posto isto, poucos meses após o escândalo judicial contra a *Zwi Migdal* tomar conta do noticiário internacional, o periódico carioca *Diário da Noite*, publicou: “Uma grande organização para o tráfico das brancas: descoberto em Buenos Aires, dois dos seus principais membros foram presos nesta capital”⁸. A notícia repercutiu a prisão de dois membros da organização, Mauricio Caro e Zacarías Zytnitzky, identificados pela Polícia Marítima em uma diligência que teria ocorrido horas antes do transatlântico alemão “Cap Polônio” partir com destino ao “Velho Mundo”. Segundo o jornal, diante da evidência dos fatos elucidados pela justiça de Buenos Aires, “aos seus membros não mais restava opção do que fugir para outras paragens, onde seu instinto desumano pudesse de novo alimentar esse hábito criminoso e miserável”, referindo-se à fragmentação dos indivíduos para o Rio de Janeiro. Uma vez presos, os indivíduos foram encaminhados à 3ª Delegacia Auxiliar a pedido da embaixada Argentina, e as malas dos suspeitos retiradas da Alfândega, encaminhadas à Polícia Central e, posteriormente, recolhidas na tesouraria, onde permaneceram apreendidas até segundas ordens. A mesma fonte afirma que os suspeitos tentavam viajar com 200 camisas e cuecas de “pura seda”, nas quais constavam as iniciais de ambos, indicando que eram de uso particular, constituindo, segundo o jornal, um “truque” para evitar o pagamento taxativo na passagem pela aduana.

Segundo Scarsi (2017) Mauricio Caro era tesoureiro da organização e proprietário de um restaurante e dois importantes bordéis no distrito de Tigre, na Argentina, todos administrados por outros membros organização, como Simón Brutkievich, Simon Kumcher e Felipe Schön, mas também por sua esposa, Sofia Schwaretzman de Pasco, presa pela polícia carioca na mesma operação. Segundo o autor, Zacarías Zytnitzky era “um dos presidentes mais influentes e experientes da sociedade de rufiões”, nomeado em 1925, por meio de uma Assembleia, ao cargo de presidente da organização com um total de 122 votos favoráveis, de um total de 173 membros (SCARSI, 2017, p. 451, tradução nossa)⁹. Visto por Yarfitz (2012), Zytnitzky era uma figura notória e influente entre os rufiões de Buenos Aires, pois relatórios analisados pelo autor relevam que entre 1925 e 1926, período em que o rufião atuou como presidente administrativo da “Sociedade Varsóvia”, foram registradas mais de 300 assinaturas de

⁸ *Dário da Noite*, Rio de Janeiro: 18/05/1930.

⁹ “Uno de los más influyentes y experimentados presidentes de la Sociedad de rufianes”,

contribuintes, incluindo taxas, mensalidades e gastos com cemitério, sinagoga e imóveis. Como de praxe, o rufião era dono de uma barbearia e de um restaurante, e conforme Guy (1997), era comum entre eles buscar reinvestir grande parte de seus lucros em outros ramos, não só nos ilegítimos, mas numa enorme variedade de atividades consideradas legais. Sobre o episódio em questão, em síntese Scarsi (2017) escreveu:

Mauricio Caro e Zacarías Zytznitzky fugiram no mesmo dia em que o juiz ordenou o processamento dos sócios da *Migdal*. Ambos renovaram seus passaportes em 30 de março e tiveram tempo suficiente para chegar a Montevideu com o *Vapor de la Carrera* e posteriormente seguir em direção ao Brasil. Após serem informadas sobre a fuga, as autoridades entraram em contato com seus colegas brasileiros para tentar detê-los no Rio de Janeiro, escala da viagem para a Europa. Em 27 de maio, eles foram retirados do vapor e detidos, ficando à disposição do juiz argentino. Parte da bagagem pessoal que levavam consistia em um estoque de 300 camisas de seda, cada uma delas com a monograma correspondente. No mesmo navio viajavam Isaac Rosenberg, Sender Yacubovicz e Jaime Zingisser. Os três homens conseguiram evitar a vigilância da polícia do Rio de Janeiro, e o último só foi capturado em junho, quando o vapor chegou a Lisboa (SCARSI, 2017, p. 415, tradução nossa)¹⁰.

No entanto há desdobramentos desse fatídico evento ocorrido no Rio de Janeiro, que historiadores e historiadoras ainda não investigaram e que, de certa maneira, torna o caso ainda mais enigmático. Como mencionado a polícia carioca determinou que suspeitos permaneceriam presos até que autoridades de Buenos Aires tomassem as devidas providências legais para evitar uma possível fuga. No dia 10 de junho do mesmo

¹⁰ “Mauricio Caro y Zacarías Zytznitzky se habían dado a la fuga el mismo día en que el juez ordenó el procesamiento de los socios de la *Migdal*. Los dos habían renovado sus pasaportes el 30 de marzo y contaron con el tiempo necesario para llegar hasta Montevideo con el *Vapor de la Carrera* y posteriormente seguir rumbo a Brasil. Advertidas de la fuga, las autoridades se comunicaron con sus pares brasileras para lograr detenerlos en Río de Janeiro, escala del viaje a Europa. El 27 de mayo se los desembarca del vapor siendo detenidos y puestos a disposición del juez argentino. Parte del equipaje personal que llevaban se componía de una provisión de 300 camisas de seda con el monograma correspondiente en cada una de ellas. En el mismo buque viajaban Isaac Rosenberg, Sender Yacubovicz y Jaime Zingisser. Los tres hombres pudieron eludir el control de la policía de Río de Janeiro y el último recién fue capturado en junio, cuando el vapor arribó a Lisboa”.

ano, segundo o periódico matutino *A Noite*, Rafael Zumarraga e Henrique Wiurnos, ambos policiais argentinos, desembarcaram no Rio de Janeiro para a missão de capturar os exploradores: “Chegaram hoje pelo ‘Avila Star’ os dois policiais argentinos encarregados de levar para Buenos Aires os diretores do caftismo internacional”. Segundo a fonte Zumarraga era um velho conhecido das autoridades locais, pois já teria ido outras vezes buscar presos à requisição da polícia de Buenos Aires. O mesmo ainda disse, ao ser entrevistado pelo redator do *A Noite*, que se sentia “maravilhado” em ver novamente o Rio de Janeiro, mas dessa vez na companhia do seu companheiro Henrique Wiurnos, que pela primeira vez visitava o “maior amigo da Argentina”. Zumarraga deu vários relatos de como acontecia os leilões de “escravas brancas” e como falsas agências teatrais e falsos comissários de emigração facilitavam a distribuição das mulheres para vários “mercados”¹¹.

De acordo com o pedido do juiz Rodríguez Ocampo o policial Zumarraga afirmou à imprensa carioca que pretendia retornar a Buenos Aires em duas semanas com os ditos “indesejáveis” nas palavras dele, o que não aconteceu. Mais de um mês e meio depois da chegada dos investigadores, o *A Batalha* publicou “O caso do pedido de extradição dos dois membros da *Zwi Migdal*”¹². Isso significa que, na prática, o Supremo Tribunal Brasileiro teria negado a extradição dos investigados para Buenos Aires, mesmo com a presença das autoridades vizinhas, resultando na liberação dos exploradores que tomaram rumo até então desconhecido. Conforme a fonte o estranho deferimento aconteceu porque o pedido de extradição não apresentava “documentos necessários à instrução de uma medida tão grave”, impossibilitando que o Ministério da Justiça e do Exterior prosseguissem com o pedido. Entretanto, o que chama atenção é que nesse intervalo, Zumarraga e Wiurnos partiram até São Paulo, com direito à uma visita na instalação do jornal bandeirante *A Gazeta*, onde relevaram impressões positivas sobre a Penitenciária do Estado, o Departamento de Imigração e não pouparam elogios à polícia e outros pontos turísticos da cidade: “não demorará muito e São Paulo será uma das principais cidades do mundo!”, afirmou Wiurnos¹³. Nota-se que, em momento algum foi mencionado a motivação da vinda deles ao Brasil, tampouco o que teria acontecido com os dois investigados.

¹¹ *A Noite*, Rio de Janeiro: 10/06/1930.

¹² *A Batalha*, Rio de Janeiro: 23/07/1930.

¹³ *A Gazeta*, São Paulo: 19/06/1930.

Figura 1: Da direita para a esquerda: Rafael Zumarraga, Vianna Junior, redator do *A Noite* e o policial Henrique Wiurnos em palestra no cais do porto.

Figura 2: Jornalista Cyrillo e Wiurnos na redação do jornal *A Gazeta*. Fonte: *A Gazeta*, São Paulo:



Fonte: *A Gazeta*, São Paulo: 19/06/1930.

Indispensável no que se refere ao tema, Alsogaray (1933) dedicou um capítulo especial em seu livro de memórias exclusivamente sobre Mauricio Caro e Simón Ruhinstein, parceiros de crime. Como bem assentou o autor, Mauricio fez carreira de forma rápida no lenocínio, começando por explorar uma mulher, depois várias seguidas, algumas até prestaram queixa contra ele, mas tiveram que se calar sob a pressão de “influências exteriores”. Menciona também, que no “auge” da *Zwi*, anos 1920, Mauricio possuía vínculos com ministros, deputados, altos funcionários do governo e policiais infiltrados que se inclinavam diante dos seus interesses “*para neutralizar cualquier reacción que pudieran ofrecer*” (ALSOGARAY, 1933, p. 186). Além disso Mauricio havia planejado se esconder antes que o juiz Ocampo expedisse a ordem de prisão contra os rufiões. Ao perceber que o risco era iminente, obteve passaporte, atestado de boa conduta e outros documentos que lhe permitiram seguir viagem irrestrita, tudo com o conhecimento da polícia de que ele estava sob investigação. Contudo, mesmo com o pedido de extradição e a ida dos agentes portenhos até o Rio de Janeiro, não se sabe como, nem porquê, mas os *caféns* foram liberados e partiram rumo à Lisboa, segundo Scarsi (2017), exceto Sophia de Pasco, que retornou à Buenos Aires. Portanto, o autor não descarta a possibilidade de Zumarraga ter interferido, já que mais tarde se descobriu que ele era amigo de longa data de Mauricio Caro.

Não é possível determinar o que aconteceu na capital brasileira por falta de elementos de julgamento. Pode-se inferir, mas não certificar de forma categórica. Apenas podemos afirmar que o caso foi extraordinário: primeiro, a polícia do Rio de Janeiro o deteve, retirando-o de um navio de bandeira estrangeira, e pouco depois, mediante um pedido ratificado com respaldo legal, essa mesma polícia o colocou em liberdade... Será que o dinheiro nivelou todos os escrúpulos?... Será que foi consequência de manobras obscuras da própria polícia argentina, que começou a levantar suspeitas ao enviar Zumárraga para o Brasil?... Lembramos que Zumárraga era o alter ego do ex-chefe de investigações pró-fuga, e que ele e Caro mantinham uma amizade que provoca as maiores suspeitas. Em resumo, Caro ficou livre e seguiu para a Europa a partir do Rio de Janeiro, sem encontrar nenhum outro contratempo. Sofia, sua amante, que o acompanhou até a capital fluminense, retornou de volta a Buenos Aires por terra, após uma longa viagem turística pelo Brasil. (ALSOGARAY, 1933, p. 95-96, tradução nossa)¹⁴.

A imprensa passou a publicar em 1930 que as polícias sul-americanas, trabalhando de forma mancomunada com as autoridades de Buenos Aires, havia capturado diversos supostos membros da organização, que foram presos quando buscavam proteção ou fugir para outro continente. Jornais do Rio de Janeiro, por exemplo, publicaram denúncias de que as novas descobertas envolvendo os dois investigados estavam intimamente ligadas à Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita (ABFRI), localizada no bairro de Inhaúma¹⁵. Apesar da acusação, a historiografia desconhece qualquer ligação entre a ABFRI e a *Zwi Migdal*, ou qualquer de seus membros; pelo contrário, a Associação tinha como finalidade “criar condições de assistência religiosa, educacional e médica, ou seja, de autoproteção” (KUSHNIR, 1996,

¹⁴ “No es posible establecer lo ocurrido en la capital brasileña, por falta de elementos de juicio. Se podrá intuir, pero no certificarlo en forma categórica. Sólo debe afirmarse que el caso :fué extraordinario: primero la policía de Río de Janeiro lo detuvo, sacándolo de un barco de matrícula extranjera, y poco después, mediando un pedido _ratificado con recaudos legales, esa misma policía lo puso en libertad . . . ¿Acaso el dinero niveló todos los escrúpulos? . . . ¿Acaso fué la consecuencia de tortuosos manejos de la misma policía argentina, que comenzó a hacerse sospechosa enviando a Zumárraga al Brasil? ... Recordamos que Zumárraga era alter ego del ex-jeefe de investigaciones pró- _fuga, y que éste y Caro mantenían una amistad que provoca las más grandes suspicacias En resumen, Caro quedó libre y desde Río de Janeiro siguió a Europa, sin hallar ningún otro inconveniente. Sofia, su amante, que lo acompañó hasta la capital fluminense, regresó por vía terrestre a Buenos Aires, después de un prolongado viaje de turismo por el Brasil”.

¹⁵ Crítica, Rio de Janeiro: 11/06/1930.

p. 96). De um modo geral, podemos inferir que isso fazia parte do noticiário sensacionalista, que buscava vincular qualquer estrangeiro aos estereótipos do traficante judeu e da prostituta estrangeira como “polaca”, como potencial vítima do tráfico. Esses discursos não raras vezes se revestiam de outras formas de discriminação, sempre associados a fatores que reforçam o estereótipo do judeu enquanto criminoso.

Em “Cemitério dos Vivos” o autor Lima Barreto descreve como, ao entrar no mundo brutal das instituições psiquiátricas na virada do século XX, “que a polícia, não sei como e porquê, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis”. O autor se refere à perseguição da polícia contra “todo o sujeito estrangeiro com nome arrevesado, assim como os russos, polacos, românicos são para ele forçosamente *cáftens*” (BARRETO, 2004, p. 53). Nas premissas de Marocco (2004), os jornais do período geralmente tratavam as “classes perigosas” de forma homogênea, como resultado, era comum confundi-los de forma preconceituosa. Além disso Galeano (2017) reafirma que, em vários casos, os homens eram suspeitos de proxenetismo, com base apenas em suas aparências ou países de origem. Bretas (1997) destaca que era comum a perseguição maciça contra suspeitos de *cáften*¹⁶, mas com atenção especial aos judeus, porque a ação da polícia agia com a intenção de “mantê-los presos para obrigá-los a sair do país”. Segundo Menezes (2017) esses discursos “estavam impregnados por um antissemitismo mais ou menos explícito, tendo em vista que havia *cáftens* de todas as nacionalidades, religiões e raças” (MENEZES, 2017, P. 22). Portanto o discurso da imprensa aparece quase sempre como um mecanismo de poder adestrador e certos discursos são disfarçados por um falso moralismo, promotor do “bem-estar social”, a partir da desqualificação desses sujeitos como “indesejáveis”.

Como observou o filósofo Michel Foucault, “a disciplina é um princípio de controle da produção de discurso, ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1987, p. 34). Como resultado, as regras disciplinares impostas em nome da ordem social e executadas pela polícia são uma forma de controle discursivo. Vale notar também que em seu livro *Vigiar e Punir* Foucault descreve a disciplina como um efeito de “adestramento”. Além disso, o medo nasce, é alimentado e oferece uma oportunidade única para governantes e classes dominantes obterem consentimento, enquanto fortalecem sua capacidade

¹⁶ Entende-se por *cáften* o indivíduo que explora mulheres ou que administra bordéis e outros estabelecimentos do gênero.

coercitiva. A disciplina acaba por se tornar essencial para a criação daquilo que o autor chama de “corpos dóceis” como ferramenta de poder, recorrendo a inúmeros exemplos para estabelecer a disciplina como a melhor arma para a domesticação de corpos, como internatos, conventos e até instituições policiais. Ainda na visão de Foucault a disciplina:

Adestra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 1987, p.195),

Ademais é preciso salientar que, em meio a um contexto de questionamentos e perseguições, percebeu-se uma generalização do periodismo nacional contra a *Zwi Migdal* e o tráfico de brancas. No entanto apesar dessa generalização se concentrar sobretudo em relação a homens e mulheres de origem judaica, não devemos desconsiderar a hipótese de que essas narrativas possam refletir sobre outras possíveis redes de exploração do lenocínio concentradas em todo o país. Apesar de haver registros sobre a possível presença da *Migdal* em cidades como São Paulo e Belo Horizonte, os nomes não coincidem com os da lista presente na obra de Alsogaray (1933) e em estudos recentes.

Raras exceções ocorreram em Curitiba e Porto Alegre, vejamos. O jornal paranaense *Diário da Tarde*, publicou um artigo em 6 de abril de 1934, noticiando: “Escravas Brancas - uma quadrilha internacional de exploradores de lenocínio em Curitiba?”. Sem dar muitos detalhes, a reportagem inclui fotos de quatro rufiões que foram detidos pela polícia local e posteriormente deportados para São Paulo. Eles são Ludgero Henri, Gabriel João Abdu, Raphael Abbade e Boris Zignone¹⁷. Um ano depois, em setembro de 1935, o mesmo jornal voltou a publicar as mesmas fotografias, desta vez com o título: “Preso em Porto Alegre é um membro da *Migdal!*”, referindo-se à Simon Rubinstein, amigo de Mauricio Caro, ex-membro da *Migdal* e fundador e líder da “*Asquenasum*”. Segundo a fonte Simón, o contrabandista, estava sendo protegido pelo

¹⁷ *Diário da Tarde*, Curitiba: 20/04/1934.

Chefe de Investigações de Buenos Aires antes do mesmo do escândalo envolvendo à *Migdal* se tornar público. Sabe-se ainda que Marta Fancuj, amante de Simón mencionada por Alsogaray (1933), ligou para a esposa de um sujeito com o mesmo nome de Simón com a intenção de suborná-lo para se apresentar no lugar do rufião. De acordo a fonte foi por causa disso que o *caftén* conseguiu fugir para o Brasil, explicando sua presença em Curitiba e depois em Porto Alegre¹⁸.

A confusão em torno dessa história aumentou quando o jornal carioca *Diário Nacional*, publicou em 1931, outra fotografia que supostamente era do rufião Simón Rubinstein. No entanto as duas imagens de Simón não coincidem. Inicialmente, acreditamos que a fotografia publicada pelo periódico *Diário Nacional*, seja do homem subornado e com nome semelhante ao de Simón (1933), conforme discutido por Alsogaray (1933). Enquanto a fotografia publicada pela imprensa curitibana coincide com um dos anúncios de Rubinstein de negociações para o jornal argentino *Di Presse*, voltado para a comunidade judaica, na década de 1920, conforme publicado anteriormente na tese do historiador Yarfitz (2012). Ainda assim, como ter certeza de qual imagem está mais próxima da identidade de Rubinstein? De acordo o autor, o estabelecimento que Rubinstein repetidamente anunciava no jornal chamava-se “*El Japon - Importacion de Sedas y Articulos de Punto*”, o que de certa forma coincide com a fotografia tirada pelas autoridades de Curitiba, em que supostamente a fotografia do Simón pertence a um homem de olhos puxados, uma característica comum dos japoneses e outros asiáticos. De tal modo, Scarsi (2017) descobriu que boa parte dos produtos oferecidos por Rubinstein era, na verdade, contrabandeada do Uruguai, região de fronteira com Rio Grande do Sul.

¹⁸ *Diário da Tarde*, Curitiba: 06/09/1935.

Figura 3: Suposta fotografia de Simón Rubinstein em Curitiba. Fonte: *Diário da Tarde*, Curitiba: 20/04/1934.

Figura 4: Anúncio dos negócios de seda de Rubinstein. Fonte: YARFITZ, Mir Hayim (2012, p. 106).

Figura 5: Suposta fotografia de Simón Rubinstein publicada no Rio de Janeiro.



Fonte: *Diário Nacional*, Rio de Janeiro: 15/03/1931.

Diante dos fatos apresentados, é importante ressaltar que esses sujeitos em questão não se estabeleceram no Brasil por muito tempo. Nas preposições de Scarsi (2017), Mauricio Caro retornou à Buenos Aires e morreu em dezembro de 1963, possivelmente exercendo alguma atividade desconhecida, pois segundo listas telefônicas, o nome dele constava em alguns endereços em Buenos Aires, como Liberator 3576 e Billinghamurst 1656. Conforme enfatizou o autor, entre as décadas de 1940 e 1960, era possível encontrar “apenas em um túmulo, revestido de cimento e no limite da austeridade, quase apagada na pedra de sua lápide, podemos descobrir a referência a Zacarías Zytznitzky”¹⁹, e acrescenta: “ali, os restos mortais de um dos presidentes mais influentes e experientes da Sociedade de Cafajestes ficaram abandonados. Ele viveu até os 83 anos e faleceu em 21 de setembro de 1965” (SCARSI, 2017, p. 451, tradução nossa)²⁰. Em relação a Simón Rubinstein pesquisadores desconhecem o seu paradeiro, sabendo somente que, “depois de convenientemente ser ouvido pela polícia, acompanhado de um investigador, partiu rumo à fronteira”, segundo o jornal curitibano.

Em uma atmosfera de questionamentos e achismos foi preciso filtrar uma série de documentos do periodismo denunciando “supostos” membros da *Migdal*, ou que a

¹⁹ “Solo en una tumba, revestida con cemento y en el límite de la austeridad, casi borrarada en el mármol de su lápida, podemos descubrir la referencia a Zacarías Zytznitzky”.

²⁰ “Allí, quedaron arrumbados los despojos de uno de los más influyentes y experimentados presidentes de la Sociedad de rufianes, vivió hasta los 83 y falleció el 21 de septiembre de 1965”.

organização atuava no Rio de Janeiro por meio de uma suposta “sucursal”, entretanto, não é nosso objetivo. Posto isto destacamos os seguintes nomes de membros da *Migdal* e *Asquenazim* que foram identificados na cidade de acordo com uma entrevista do delegado Frota Aguiar, na década de 1950: José Saavedra; Friedman Isaac; Friedman Abraham; Friemorgen José; Fuchs Jacobo; Fuch Chil Meyer; Gayer Macs; Geist Moisés; Golnudel Elías; Senderowich Raquel; Goldstein Natan. No entanto, não se tem maiores informações sobre os mesmos²¹.

Nessa linha de raciocínio compreendemos que o Rio de Janeiro se tornou uma cidade estratégica para a fuga da *Migdal* e seus envolvidos, justificando a presença deles. Segundo o historiador Galeano (2012) uma preocupação que perdurava nos estudos policiais na virada do século, era a intensa circulação de criminosos e organizações clandestinas, principalmente entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, e que exibia um novo estereótipo que escapava dos padrões da época, gatunos capazes de se infiltrar nas camadas mais tensas da sociedade. O autor alega que a proliferação dessas redes de circulação transatlânticas e regionais se deu no contexto geral de maciças imigrações oriundas do século XIX, e que com o tempo agitaram as cidades e a desordem que nelas se originaram. Outro fator que contribuiu para essa circulação se deu pelos avanços na indústria naval e a modernização de meios de transporte como a ferroviária, entre diferentes cidades sul-americanas, conectadas umas às outras por questões econômicas, entre outros fatores. Viu-se também a intensificação da circulação de modelos e técnicas de identificação policial, o que resultou na aproximação e cooperação entre as polícias sul-americanas contra os ditos “criminosos viajantes”.

Lobo contra lobo

Com base nas últimas discussões investigaremos algumas tensões causadas por dois membros da organização estudada, dando ênfase em narrativas de crimes, conflitos e curiosidades publicadas pelo periodismo carioca. A objeção central é apresentar duas figuras importantes, uma das quais, de acordo com o historiador Scarsi (2017), figurou um lugar de destaque no Conselho de Varsóvia, entre 1920 e 1926, e apesar disso, raramente é mencionada nos estudos históricos por falta de documentação.

²¹ *Diário da Noite*, Rio de Janeiro: 20/01/1953.

O primeiro trata-se de Mauricio Steinberg, de origem alemã, casado com Sarah Weintraub, ambos conhecidos por terem exercido o lenocínio em diferentes distritos de Buenos Aires. O segundo personagem investigado é Adolfo Fisch, natural da Polônia, nasceu em 20 de abril de 1882, e se tornou conhecido das autoridades portenhas por ostentar fortuna graças ao torpe tráfico de mulheres. Segundo o matutino *A Noite*, esse último administrava uma sinagoga, onde eram realizados leilões de mulheres, uma possível referência à sede da organização, endereçada no bairro de *Avellaneda*, em Buenos Aires²². Nesse caso, verificou-se que, diferente do seu comparsa, Adolfo não chegou a ser processado pela justiça daquele país, porque teria fugido para a Europa logo após os primeiros desdobramentos do juiz Rodriguez Ocampo.

Figura 6: Mauricio Steinberg com aparência jovial, sem data informada, um possível acervo de Frota Aguiar. Fonte: *Diário da Noite*: 15/01/1953.

Figura 7: Mauricio Fisch com aparência jovial, sem data informada, possível acervo de Frota Aguiar.



Fonte: *Diário da Noite*: 14/01/1953.

Conforme apurou a Kushnir (1996), os dois compatriotas podem ser encontrados na lista de rufiões sócios da *Zwi Migdal*, organizada pelo então comissário Alsogaray (1933), além de terem sido investigados por Frota Aguiar, no Rio de Janeiro. Mas, na contramão de outros personagens que tiveram suas histórias destrinchadas a partir de documentos emanados da polícia, da justiça e da imprensa portenha, as informações a respeito dos investigados são limitadas. As fontes analisadas nos permitem tecer algumas informações importantes sobre o assunto.

Segundo apurou o *Jornal do Commercio*, eles se conheceram na Polônia no final do século XIX; Steinberg chegou à América do Sul em 1910; após vedada a sua permanência na Argentina, fugiu para a Espanha; retornou ao Rio de Janeiro em 1933,

²² *A Noite*, Rio de Janeiro: 22/11/1937.

com sua esposa "Rosa Steinberg"²³. Conforme *A Noite*, Fisch se estabeleceu no Rio de Janeiro abrindo uma joalheria, "Ferreira & Peres"²⁴, mas faliu, e com o processo de recuperação, investiu na construção de um prédio residencial na Avenida Atlântica, no bairro de Copacabana, além de continuar fazendo fortuna com o lenocínio²⁵. É provável que isso tenha ocorrido, porque ele não teve seus pertences confiscados, pois ainda era considerado foragido da justiça portenha.

Com base em outras informações extraídas do *corpus documental*, descobriu-se que Adolfo teria recebido Mauricio de braços abertos ao chegar no Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1930, concedendo-lhe moradia provisória e um ponto comercial. Contudo, tudo parecia ocorrer bem até que Mauricio foi preso em 1937, após uma denúncia anônima em relação a um possível grupo de exploradores que estava atuando em bairros boêmios da cidade²⁶. Segundo a mesma fonte ele foi preso no seu palacete, uma residência localizada na Rua Xavier da Silveira, no bairro de Copacabana, em posse de uma "magnífica limosine" que, conforme a fonte, era usada para "passar pelas ruas da cidade, afrontando a gente limpa". As autoridades apuraram que o investigado era dono de uma cafeteria chamada "Picadilly", endereçada à Avenida Atlântica, também em Copacabana, onde "costumava se reunir com suas escravas e tratar de negócios com outros rufiões". Segundo outro impresso Mauricio era conhecido no Rio de Janeiro como "o rei dos *cáftens*", porque administrava uma "singular modalidade de exploração do lenocínio na cidade"²⁷. Ou seja, basicamente, o *modus operandi* era amparar mulheres a partir de uma espécie de "sindicato", cujas associadas eram obrigadas a contribuir com 50% dos lucros auferidos em suas atividades, sob forma de mensalidade.

O delegado de polícia Frota Aguiar, que esteve à frente de importantes medidas contra o rufianismo na capital federal, foi o responsável por orientar as diligências contra a referida denúncia e fez cumprir as prisões de Steinberg e, mais tarde, a de Fisch, como mencionado por Kushnir (1996). Com o tempo Aguiar se tornou conhecido pelo trabalho bem documentado na luta contra o lenocínio, rendendo-lhe o título de "inimigo número um" da "sinistra organização" e veio a publicar, em 1940, um livro sobre o tema que,

²³ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro: 07/04/1937.

²⁴ Só foi possível identificar o nome da joalheria porque, em 1937, o *Jornal do Commercio* publicou uma breve nota de massa falida informando que Adolpho havia entrado com processo de falência com a "Ferreira & Peres".

²⁵ *A Batalha*, Rio de Janeiro: 08/08/1937.

²⁶ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro: 25/03/1937.

²⁷ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro: 31/03/1937.

segundo Schettini (2007), foi notoriamente inspirado na obra do comissário argentino Julio Alsogaray, publicado em 1933, no qual são discutidos os anos em que o mesmo esteve à espreita das investigações contra a *Migdal* em Buenos Aires. Nesse sentido ele sabia que quem ousasse entrar no caminho da organização, poderia pagar caro quando não com a própria vida. O mesmo reafirmou que, durante o auge das investigações do caso Pierrot, surgiram ameaças contra ele com o objetivo de dificultar as investigações contra um “indivíduo poderoso”. Pouco tempo depois o delegado foi substituído pelo Dr. Alberto Tornaghi. Na visão de Aguiar a decisão ocorreu depois de ter impedido que um parente próximo do presidente Getúlio Vargas se comunicasse com um "chefe" da organização sob custódia. Em seu livro ele advoga a respeito do poderio e a influência que a organização tinha sobre a polícia, além do alto grau honorífico de Steinberg e Fisch nas funções da *Migdal*.

Entre muitos elementos dessa organização, contra os quais instauramos processos para serem expulsos do território nacional, um deles é Adolfo Fisher; outro é Mauricio Steinberg. Ambos polacos. O primeiro era sócio número 2 da Loja “Migdal” em Buenos Aires, e foi duas vezes presidente dessa organização. Dos inquéritos ficou patente que esses dois *cafténs* exploravam várias mulheres há longos anos, e que, expulsos da Argentina em 1930, vieram para o Brasil e aqui se estabeleceram para, sob a aparência honesta de comerciantes, prosseguirem na torpe exploração do lenocínio. Adolfo Fisher estabeleceu-se com uma joalheria à Avenida Rio Branco, n 96, e posteriormente, apesar desse negócio dar prejuízos, vende-o e construiu um prédio de apartamentos em Copacabana, à Avenida Atlântica, n 1.002. Mauricio Steinberg montou um bar na loja de propriedade de Fisher. Preso Steinberg, e recolhido à casa de Detenção, Fisher procurou apoderar-se daquela casa comercial, convencido de que o preso seria expulso do país (AGUIAR, 1940, p. 74).

Novamente ao caso a prisão de Steinberg não durou muito tempo, como de praxe, devido ao provimento de um *habeas corpus*, o que lhe permitiu recuperar rapidamente a sua liberdade. À vista disso, em decorrência dos cinco meses em que esteve atrás das grades, a cafeteria “Picadilly” permaneceu fechada por determinação da polícia,

acumulando dívidas e despesas atrasadas²⁸. Afim de satisfazer pagamentos de empregados e outras despesas atrasadas, como o aluguel, Steinberg se encontrou com o comparsa com o objetivo de solicitar um empréstimo de 5:000\$000 (cinco contos de réis), no entanto, apesar de não negar, Fish vinha protelando²⁹. Além disso o mesmo teria sabotado o contrato referente as funções administrativas de Steinberg, revogando todos os direitos dele sobre o estabelecimento. Um segundo encontro aconteceu tempos depois, mas não de forma pacífica, e o que era pra ser apenas uma conversa, acabou se desenvolvendo numa violenta cena de sangue à luz do dia. As fontes examinadas indicam que, inicialmente, ocorreu uma calorosa discussão entre os dois e, com isso, surgiram insultos e mútuas acusações, segundo a mesma fonte. O estopim do evento aconteceu quando Steinberg, numa reação inesperada, sacou do bolso um revólver e disparou dois tiros contra Fisch, um no tórax e outro na clavícula. Steinberg tentou fugir ao ver a vítima caída ao chão, mas teria sido barrado por populares e preso pela polícia que estava presente nas imediações³⁰.

De acordo com a documentação Fisch foi socorrido por uma ambulância do Hospital Municipal Miguel Couto, e após os primeiros socorros, permaneceu internado na Casa de Saúde São José em estado considerado grave. Conduzido à delegacia do 2º Distrito Policial Mauricio foi autuado em flagrante pela tentativa de homicídio, e a respeito foi aberto um inquérito para a apuração dos fatos. Ainda na delegacia o réu acusou a vítima: “Adolfo é um perigoso comerciante de escravas brancas” e que “até da esposa faz sua escrava no torpe comércio”. Além disso, afirmou com segurança que Fisch era um refinado criminoso muito conhecido em Buenos Aires, onde explorava inúmeras mulheres, mas que teria fugido em razão do escândalo judicial da *Migdal*. O delegado Frota Aguiar ouviu o outro lado da história, e como de costume, Fisch alegou inocência e versou uma narrativa que, segundo a autoridade, visava ocultar a origem ilícita da sua fortuna. Ainda segundo Aguiar: “seria fácilimo provar a aquisição de tal fortuna se ela tivesse sido ganha no comércio, na indústria ou em qualquer outro empreendimento lícito”. E advogou o seguinte:

²⁸ *A Noite*, Rio de Janeiro: 23/01/1938.

²⁹ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro: 28/08/1937.

³⁰ *A Batalha*, Rio de Janeiro: 28/08/1937.

Tais declarações, como se verifica da prova dos autos, são contraditórias e eivadas de suspeição e falsidade. De começo silenciou o acusado sobre a origem de sua fortuna. Afirmou não ter exercido, na República Argentina, o lenocínio, mas não me esclareceu, nem de leve, como conseguiu juntar trezentos contos. Qualquer pessoa honesta teria o máximo cuidado em demonstrar imediatamente como conseguiu acumular esse dinheiro. Seria fácil para Adolpho Fish provar a aquisição dessa fortuna, se ela tivesse sido ganha no comércio, na indústria ou em qualquer outro empreendimento lícito. Não o fez o acusado porque não o podia fazer, visto como acumular a fortuna, na verdade, explorando o lenocínio, extorquindo dinheiro, por todos os meios, inclusive usando de ameaças, a infelizes mulheres³¹.

Sabe-se que Mauricio permaneceu preso por pouco tempo porque teria fugido a São Paulo e descoberto pela polícia no ano seguinte, em julho de 1938, junto com a sua esposa, Rosa Steinberg, e na companhia de um outro casal não identificado, mas que, segundo fontes, eram de “péssimos antecedentes”³². As notícias a respeito são vagas, por essa razão, tem-se conhecimento de que o chefe da Diretoria Geral de Investigações de São Paulo teria procedido as primeiras diligências contra os suspeitos e, após identificá-los, foram encaminhados à Casa de Detenção. São Paulo também apresentava um panorama expressivo em relação a exploração de mulheres, tanto no que cerce à presença das “polacas” quanto dos membros da organização, ainda que nos intramuros, conforme mencionado por Rago (2008), e por isso não devemos desconsiderar a hipótese de que Mauricio tenha fugido com o intuito de se proteger.

A desarticulação da máfia de traficantes das “brancas” só pode ocorrer no momento em que diversos interesses e esforços conjugaram-se para reprimi-la e em que, ao mesmo tempo, disputas enfraqueceram o grupo, tornando-o mais vulnerável. Às investigações tanto das autoridades públicas quanto da comunidade judaica, principal interessada no desaparecimento do que considerava uma “mancha negra” em sua história (RAGO, 2008, p. 65).

³¹ *Diário da Noite*, Rio de Janeiro: 19/01/1953.

³² *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro: 28/08/1938.

Em apreciação final a justiça do Rio de Janeiro teria reconhecido que Mauricio e Adolfo buscaram se estabelecer no país com aparência honesta de comerciantes, assim como faziam na Argentina, usando como pretexto para prosseguir na torpe exploração do lenocínio. De acordo com as fontes citadas ficou constatado que Adolfo buscou meios para encobrir que exercia o lenocínio, vindo a cometer outro crime ao prestar falsas declarações à justiça em relação à sua índole conforme Art. 261 do Código Penal de 1890. Enquanto isso Mauricio foi processado por tentativa de morte (Art. 294), e lenocínio (Art. 277), além de ser investigado por suposta participação no desaparecimento da cortesã Pierrot que, segundo Frota Aguiar, em algum momento dos anos 1930, tornaram-se amantes³³. Ao mesmo tempo a imprensa carioca parecia aguardar ansiosa pela condenação dos réus com vistas à expulsão, fosse para algum país da Europa, ou para a Ilha das Flores, no interior da baía de Guanabara, ou Ilha dos Porcos, litoral de Santos.

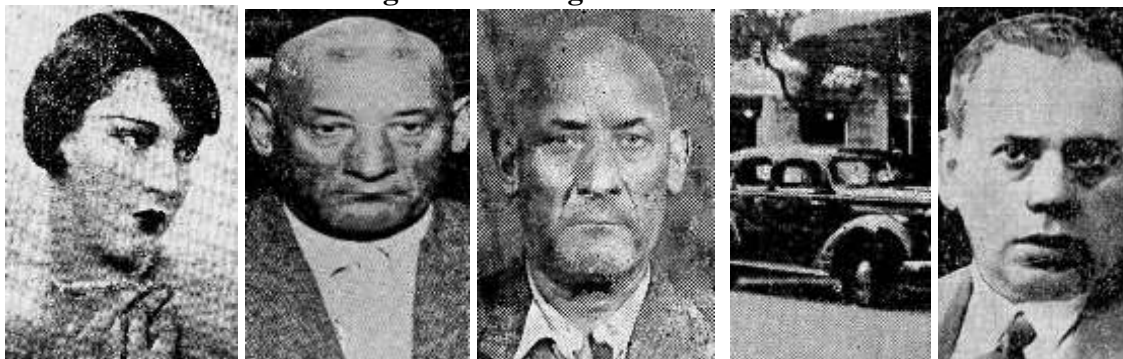
Figura 8: Fotografia de Yvonne Marie Coutanger, a “Pierrot”.

Figura 9: Mauricio Steinberg ao ser preso pela polícia.

Figura 10: Mauricio Steinberg detido na delegacia.

Figura 11: Uma das limosines de Steinberg.

Figura 12: Fotografia de Adolfo Fischer



Fontes: *A Noite*, Rio de Janeiro: 17/11/1937, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro: 28/08/1937, *A Noite*, Rio de Janeiro: 15/03/1937, *A Noite*, Rio de Janeiro, 12/06/1938, *A Noite*, Rio de Janeiro, 22/11/1937.

No entanto essa história estava longe de terminar. Em termos de prevenção importantes estudos históricos revisaram que, apesar do processo de expulsão ter sido criado como uma resolução travestida pelo tecnicismo da linguagem jurídica do período, a fim de garantir a “defesa social”, nem sempre na prática isso funcionava como o esperado. Ao discutir o fenômeno da imigração carioca a historiadora Menezes (1996) observa que no final do século XIX os *câftens* tornaram-se uma ameaça social,

³³ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro: 09/04/1957.

estabelecendo, inclusive, vínculos com o crime organizado internacional, como o tráfico de mulheres. Segundo a autora o processo de expulsão tornou-se “generalizado” a ponto de se tornar uma ferramenta contraproducente e dispendiosa em relação à fiscalização portuária, tornando tais esforços ineficazes e permitindo que os criminosos continuassem a viajar. Schettini (2005; 2012) acrescenta que, em decorrência dessa radicalização (prisões sumárias), alguns sujeitos “precisam ser cuidadosamente analisados antes de serem considerados evidências de como o tráfico era organizado, ou mesmo do perfil dos traficantes” (SCHETTINI, 2005, p. 173). Além disso, desde a legislação de 1907 foi reintroduzida a pena para o lenocínio, mesmo sendo necessário lidar com alguns obstáculos, principalmente o *habeas corpus*.

Frequentemente, um pedido de *habeas corpus* era a única possibilidade de frear um procedimento que se caracterizava pela celeridade e por deixar margens mínimas de ação por parte dos acusados. Uma vez emitido o decreto, o expulsado tinha três dias para deixar o país. Assim, era comum que, na consideração dos pedidos de *habeas corpus*, o Poder Judiciário nos dois países tendesse a respaldar a legislação, afirmando a constitucionalidade do ato de expulsão sem a possibilidade de acusação e julgamento nos termos da lei. (SCHETTINI, 2012, p. 59-60).

Enquanto aguardava a aplicação da expulsão o matutino *A Noite* realizou uma entrevista inédita com Steinberg na detenção a respeito das recentes acusações envolvendo a *Migdal* e o já mencionado desaparecimento da francesa “Pierrot”. Antes de mais nada é preciso frisar que essa entrevista não aconteceu de forma consentida e consensual, isso porque, inicialmente, segundo a fonte, o “velho criminoso se recusou terminantemente a aparecer”, e para isso, foi preciso que alguns agentes penitenciários induzissem o réu a acreditar que a visita se tratava de um advogado interessado em ajudá-lo. A matéria foi publicada com o título: “Ouvindo um ex-presidente da *Migdal*” e acompanhado de algumas breves declarações: “É como estou afirmando! Isso não passa de uma campanha contra mim. Eu não sei, nem nunca soube quem era essa Yvonne”, e prosseguiu se defendendo: “Aliás, se eu fosse mesmo ligado à *Migdal*, crê que estaria

aqui, assim desprotegido, deste jeito que o senhor me vê? Que esperança!”³⁴. O diálogo completo inicia quando o repórter se apresenta na qualidade de advogado:

Maurício - Ah, muito bem! Mas eu não preciso, não, muito obrigado.

Repórter - E a sua situação?

Maurício - Vai indo, vai indo...

Repórter - Bem, para falarmos com franqueza, nós somos também da reportagem.

Maurício - Hein?!

Repórter - Da reportagem de *A Noite*

Maurício - E que quer comigo? - Perguntou o homem espantado

Repórter - Expulsemos as desconfianças dos nossos leitores. A coincidência de sua prisão com o reativamente das investigações sobre “Pierrot”, sua antiga atuação na Migdal, a descoberta de que francesa pertencia à associação criminosa, e quem sabe? Talvez outras coisas mais....

Maurício - Nada mais disto, meu senhor, a verdade, nunca fui presidente da Migdal.

Repórter - Nunca? E sua ficha apreendida pela polícia?

Maurício - É uma campanha. É como lhe estou afirmando. Isso não passa de uma campanha contra mim. Eu não sei, nem nunca soube quem era essa Yvonne!

Nesta ocasião, Mauricio teria feito uma pausa, enxugado o rosto e em seguida prossegiu:

Maurício - Aliás, se eu fosse mesmo ligado à Migdal, crê que estaria assim, desprotegido, deste jeito que o senhor me vê. Que esperança!

Repórter - Está desprotegido? Como recusou há pouco os serviços de um advogado?

Maurício - Isto é, mais ou menos. Não sei se me compreende bem, há coisas...

Repórter - Já estamos entendendo.

Maurício - Pois é, assim mesmo. Minha situação é um pouco delicada e não convém estar fazendo barulho a meu respeito.

Repórter - Entendemos também.

Maurício - Então combinado. Não se fala sobre o meu caso, nem sobre Yvonne, nem sobre a Migdal, feito?

Repórter - Feito³⁵.

Devemos enfatizar que estamos lidando com narrativas, e que o objetivo de as discutir não é necessariamente para estabelecer verdades, mas gerar hipóteses a partir desses problemas. Usualmente toda documentação a respeito tende a ser um campo minado, e não é incomum que algumas narrativas estejam contaminadas pelo sensacionalismo, achismos e estigmas, mesmo que esses estejam nas “entrelinhas” dos

³⁴ *A Noite*, Rio de Janeiro: 27/07/1938.

³⁵ *A Noite*, Rio de Janeiro: 27/07/1938.

discursos que os carregam. É justamente no interior desse diálogo que se inscreve algumas questões, como o tom ameaçador de Steinberg e uma linha tênue entre Yvone e *Zwi Migdal*, e se ele estaria recebendo ou não proteção externa. Vale notar que, apesar da falta de provas concretas do envolvimento de Steinberg (ou Migdal) com Yvone, não devemos descartar essa hipótese, porque o caso nunca foi resolvido. Enquanto isso o periodismo persistia em criar hipóteses: Seriam amantes? Yvone foi assassinada e seu corpo jogado em alto mar? Estaria enterrada na ABFRI³⁶, em Inhaúma? Tratava-se de acertar de contas? É provável que, graças a essas investigações e pistas sobre o desaparecimento de Pierrot, Frota Aguiar conseguiu reunir provas concretas capazes de identificar e prender membros da *Migdal*, no Rio de Janeiro.

**Figura 13 – “E o senhor, que veio me visitar. Que deseja, si eu não o conheço?”
Outro trecho da entrevista.**

Figura 8 – Mais diálogos da reportagem ‘Ouvindo um ex-presidente da Migdal’ a celebre associação clandestina de escravas brancas, através de uma entrevista com Maurício Steinberg, o homem calvo que está falando ao repórter”.



Fontes: *A Noite*, Rio de Janeiro: 27/06/1938, *A Noite*, Rio de Janeiro: 27/06/1938.

Em seguida documentos relevam que teria acontecido uma suposta conversa entre Steinberg e Fisch em 1938, quando foram colocados em uma sala sob o comando do delegado Frota Aguiar com a intenção de “espia-los”, a fim de extrair informações sobre o caso Pierrot. Segundo a fonte, um agente da polícia foi estrategicamente colocado no buraco da fechadura para vigiar os *cáftens* que pareciam nervosos com a situação. Depois de idas e vindas, cigarros, brigas e acordos, discutir as recentes acusações sobre o desaparecimento de Yvone parecia algo inevitável. A partir desse outro diálogo, foi necessário considerar os seguintes elementos de produção das fontes: Quem era o funcionário? Quais métodos foram empregados para coletar tais informações? Quanto

³⁶ Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita, localizado no Rio de Janeiro.

tempo durou a conversa? Tal diálogo foi usado como prova em uma ação judicial? De forma suscita, as informações são vagas e apenas em relação à última questão é que Frota Aguiar responde que os investigados realmente discutiram sobre o sumiço da francesa, e apesar das falas repletas de possibilidades investigativas, no fim das contas, tudo não passava de informações não comprovadas e relatos ineptos, sem finalidade capaz de produzir efeito jurídico. O diálogo em anexo teria iniciado quando Mauricio começou a encarar o comparsa frente a frente:

Adolfo - Que queres dizer com esse olhar de tarado?

Mauricio - Quando siaremos daqui, se tu não falares no paradeiro dela?

Adolfo: Dela quem?

Mauricio - Então, inocente, não sabes que a Pierrot está desaparecida e a polícia a estas horas à sua procura?

Adolfo: Que tenho eu com isso?

Mauricio - Precisas não esquecer que a polícia tentará a ferro e fogo arrancar o teu pronunciamento. Os policiais brasileiros já sabem que tu foste, por duas vezes, nosso presidente³⁷.

Mais um comentário se faz necessário nesse caso. Por causa do exposto acima, segundo teria relatado o auxiliar, Fisch teria se irritado com as acusações de Steinberg e começou a gritar na sala: “Cala! Cala! Cala-te! Lembra-te das sanções penais da nossa organização?”. O diálogo continuou e outras revelações vieram à tona:

Mauricio - Tudo isso compreendo, mas precisas saber que és um caften igual a mim, e hoje não és mais presidente de coisa alguma. Portanto, patife, baixa a voz e lembra-te que somos criminosos abjetos, nas malhas da polícia.

Adolfo - Tens razão. Precisamos pensar. O nosso “comércio” agora vai de águas abaixo. E por cima de tudo, agora é que essa miserável Pierrot achou de desaparecer.

Adolfo - Precisamos urgentemente de uma explicação para isso, pois do contrário vamos mofar na cadeia. Já se sabe que por aí que ela saiu de casa por um chamado de telefone, para um encontro rendoso.

Mauricio - Se não foste tu, foi um dos nossos.

Mauricio - Por que achas que só eu devo ser culpado pelo sumiço da francesa? Não sabes que a Migdal tem dezenas de membros aqui no Rio?

Adolfo - Sei de tudo isso, mas tu foste sempre o mais destacado e diabólico.

Adolfo - Por que não desconfias de Pierre³⁸, que também a conhecia e foi encontrado por esse Frota Aguiar na Pensão da Henriqueta Cantanhede, na rua Buarque de Macedo, algumas peças sujas de sangue, justamente no quarto dele?

³⁷ *Diário da Noite*, Rio de Janeiro: 19/01/1953.

³⁸ Pierre Barry tinha ligações com Pierrot, pois era amigo de Alexandre Lacombe, apontado como suposto amante da francesa, por isso foi mencionado no diálogo. Após o sumiço, a polícia teria encontrado roupas com vestígios de sangue no quarto de hotel onde ele estava hospedado. Pierre havia tentado suicídio, pois temia ser responsabilizado pelo desaparecimento de Yvone e chegou a ser detido em 15 de outubro de 1937, mas foi liberado por falta de provas.

Maurício - Só não compreendo uma coisa, como é que sabes de tudo, falas como se fosse um detetive e, no entanto, és um prisioneiro igual a mim.

Como explica isso?

Adolfo - Acabas de me fazer uma pergunta que eu já devia ter feito. Por acaso não me falaste hoje pela manhã, que, em Santos, suspeitaram de matar Marie Jeanne Cappi, que reside no Rio, na rua Bambina, em companhia do seu amante, Cavaliere?³⁹

Casos de investigação como o desaparecimento de Yvone Courtanger e de membros da *Migdal* foram altamente explorados pelo papel passivo exercido pela imprensa carioca e deram origem à diferentes teorias sobre o que realmente teria acontecido. Porém, apesar dos esforços da polícia, as diligências realizadas com o intuito de encontrar alguma pista sobre Pierrot nas matas do Corcovado, nos abismos da Vista Chinesa, nos pântanos da Baixada Fluminense e ao longo das praias desertas do litoral carioca, foram infrutíferas. Podemos dizer que “Pierrot” era uma mulher marcada, assim como diversas outras meretrizes daquele período, como apontado pela historiografia, fosse pela organização ou outro *câften* de mesmo nível. Alguns jornais diziam que Pierrot na verdade estava viva em uma aventura amorosa com algum político poderoso ou que teria fugido para outro lugar e assumido uma nova identidade, mas para Aguiar ela se negava a pagar uma taxa de seus vultosos lucros da vida mundana à organização, e por isso, fora sequestrada e jogada em alto mar, ou assassinada e enterrada em qualquer lugar. Contudo, o mesmo assegura que nunca conseguiu comprovar alguma conexão entre Pierrot e a *Migdal*, mas que a descoberta desses sujeitos no mesmo período não foi por acaso, e acrescentou: “é aquele negócio, dá-se um tiro num pássaro, mata-se outro”⁴⁰.

No cerne aos tramites legais sobre essa história de “lobo contra lobo” ambos foram expulsos do país após um severo interrogatório em que nada ficou apurado sobre a morte da francesa. E assim se passaram exatamente duas décadas após os últimos eventos discutidos até que, em maio de 1957, os jornais noticiaram que a polícia internacional havia descoberto membros remanescentes da extinta *Zwi Migdal* reunidos na Argentina, Brasil e França, sob a denominação de “Internacional do Pecado”. Segundo o jornal *Luta Democrática*, o líder era ninguém menos que Steinberg, mas desta vez, usando o nome “Dominique Antoine Pericci”, e além de recrutar “escravas” para a prostituição, também investia no transporte de cavalos de corrida ao lado dos parceiros “trinca maldita”, sendo

³⁹ *Diário da Noite*, Rio de Janeiro: 19/01/1953.

⁴⁰ Essas informações fazem parte de uma série de entrevistas cedidas por Aguiar à imprensa, durante as décadas de 1940 e 1950, em que reviveu o caso “Onde está Pierrot?”.

eles os irmãos Aron, José e Jaime Schefstein⁴¹. As informações são escassas, mas sabe-se que a “Internacional” era semelhante à *Migdal* em termos de operação, e que controlava antigas áreas do baixo meretrício dominadas pela organização na década de 1930, além de se reunirem em pontos estratégicos, como o “Bar Albino”, no centro da cidade, o antigo “Hotel dos Estrangeiros” e o “Hotel Pati D'Alferes”, de propriedade de um ex-investigador da polícia, possivelmente integrado à máfia, conforme a documentação. À guisa de conclusão, percebe-se que Mauricio nunca deixou de exercer o lenocínio, fazendo jus ao título a ele atribuído pela imprensa de “O rei dos *Cáftens*”.

Conclusão

Como conclusão é possível afirmar que, após um processo lento de fragmentação, a presença dos membros da *Migdal* no Rio de Janeiro, mesmo que limitada aos intramuros da cidade, já não possuía nem metade do poder e influência que tinham em anos anteriores na Argentina. Surpreendentemente a organização conseguiu manter-se estável mesmo durante períodos de intensas campanhas policiais, como demonstrado neste estudo. De acordo com a historiografia consultada e a documentação analisada, os membros da *Migdal* infiltravam-se nas camadas mais profundas da sociedade, manipulando-as conforme seus desejos. Por onde passavam, disseminavam uma cultura de medo por meio de ameaças constantes, conflitos e perseguições, sendo o caso “Pierrot”, em que ocorreu um desaparecimento, um ponto crucial para a revelação de alguns dos personagens investigados. Além disso a presença desses indivíduos influenciou a imprensa a propagar discursos racistas, especialmente contra os estrangeiros judeus, reforçando a ideia de inferioridade feminina e retratando as mulheres como seres passíveis e submissos⁴².

Acredita-se que toda essa documentação tenha sido viabilizada graças ao esforço de um homem em particular, uma autoridade policial, que foi considerado pela imprensa da época como o maior inimigo da *Migdal* no Brasil. Ele se destacou dos demais ao se envolver em uma guerra incansável contra a face oculta do lenocínio e da prostituição: a exploração de mulheres. Apesar dos desafios, ele colheu os frutos desse envolvimento.

⁴¹ *Luta Democrática*, Rio de Janeiro: 11/05/1957.

⁴² Oliveira (2022) investigou uma série de ilustrações de jornais e revistas do Rio de Janeiro sobre o tráfico de brancas, analisando representações pitorescas que abordam as discussões sobre discursos racistas contra os judeus e a respeito da inferioridade feminina.

Sua luta principal foi combater esses elementos, e obteve algum sucesso. Sua principal conquista foi dismantelar a presença dos ex-sócios da organização no cenário carioca. Essas descobertas revelaram que a organização praticava uma forma peculiar de lenocínio, quase “escolástico”, no qual seus membros se envolviam em diferentes espaços, hierarquias e funções, sendo predominantemente, de acordo com as fontes, polacos e judeus. Concluiu-se que poucos membros de alto escalão da organização foram levados a julgamento ou devidamente processados, devido à benevolência das leis diante dos crimes mais hediondos.

Ao concluir este estudo apontamos que os resultados alcançados não tem o objetivo de comprovar a existência de uma “sucursal” da *Zwi Migdal* no período e cenário estudados. Nosso objetivo é discutir narrativas, fragmentos e indícios, com base nas premissas de Guinzburg (1987), encontrados em documentos que ainda não foram abordados em sua complexidade nem analisados em estudos específicos.

Referências bibliográficas:

- AGUIRRE, Osvaldo. *Chicago Argentina: crímenes, mafia y prostitucion en Rosario*. Editorial Fundación Ross, 2006.
- ALSOGARAY, Júlio L. *Trilogia de la trata de blancas - rufianes, policia, municipalidad*. Buenos Aires, 1933.
- BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Planeta; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- BIAGINI, Furio. *L'incredibile storia di Noé Trauman e della Zwi Migdal*. Clio: revista trimestrale di studi storici, n. 4 (outobre-dicembre), 2004.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro, 1907-1930*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, R. *A História ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- DE OLIVEIRA, W. do R. *Abrindo as frestas: ilustrações sobre prostituição no periodismo do Rio de Janeiro (1910 - 1935)*. História e Cultura. V.11, n.1, jul/2022
- FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*. Trad. bras. Raquel Ramallete. 18ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GALEANO, Diego. *Criminosos viajantes, vigilantes modernos. Circulações policiais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires (1890-1930)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. 2. edição. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUY, Donna. *El sexo peligroso: la prostitución legal en Buenos Aires, 1875-1955*. Buenos Aires: Sudamericana, 1994.
- KUSHIR, Beatriz. *Baile de Máscaras. Mulheres Judias e Prostituição. As Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- LONDRES, Albert. *Le chemin de Buenos-Aires: La traite des blanches*. Éditeur: Albin Michel, Paris, 1927.
- LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi(org.). *Fontes Históricas*. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAROCCO, Beatriz. *Prostitutas, Jogadores, Pobres e Vagabundos no Discurso Jornalístico*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2004.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- RAGO, Margarth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008.
- SIMONETTO, Patricio. *El sexo de las naciones: producción y circulación globalde narrativas de la trata de blancas en la Argentina (1900-1936)*. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020.
- SCARSI, José Luis. *Tmeiim: los judíos impuros historia de la Zwi Migdal*. 1 edición, Buenos Aires: Editorial Maipue, 2018.
- SCHETTINI, Cristiana. Exploração, gênero e circuitos sul-americanos nos processos de expulsão de estrangeiros (1907-1920). *Tempo*, v. 18, n. 33, 2012.
- SCHETTINI, Cristiana. Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX. *Cadernos Pagu* (25), julho-dezembro de 2005, pp.25-54.
- SCHETTINI, Cristiana. La invención de un delito contra las costumbres: debates judiciales sobre el lenocinio en el Río de janeiro republicano. In: PALACIO, Juan; CANDIOTI, Magdalena(org.). *Justicia, política y derechos en América Latina*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2007.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez, 1990.
- SUTHERLAND, Edwin. *White collar crime*. Yale University Press, 1983.
- TROCHON, Yvette. *Las rutas de Eros. La trata de blancas en el Atlántico Sur*. Montevideo: Taurus, 2007.

YARFITZ, Mir Hayim. *Polacos, White Slaves, and Stille Chuppahs: Organized Prostitution and the Jews of Buenos Aires, 1890-1939*. (A dissertation in Doctor of Philosophy in History). University of California, Los Angeles, 2012.